



ESCOLA DE
HUMANIDADES

VERITAS (PORTO ALEGRE)

Revista de Filosofia da PUCRS

Veritas, Porto Alegre, v. 65, n. 3, p. 1-14, set.-dez. 2020

e-ISSN: 1984-6746 | ISSN-L: 0042-3955

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2020.3.38427>

SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA & FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Hermenêutica e Psicanálise enquanto epistemologias apropriadas ao aperfeiçoamento da alma¹

Hermeneutics and Psychoanalysis as epistemologies appropriate to the improvement of the soul

Hermenêutica y Psicoanálisis como epistemologías adecuado al perfeccionamiento del alma

Luiz Rohden²

orcid.org/0000-0001-6143-090X
rohden@unisinos.br

Recebido em: 10/6/2020.

Aprovado em: 03/08/2020.

Publicado em: 12/01/2021.

Resumo: Considerando que a Hermenêutica e a Psicanálise consistem no exercício de interpretar e de compreender o mundo, desenvolverei, neste artigo, a semelhança entre ambas com relação ao objeto e ao método de investigação. Mostrarei que visam conhecer a alma humana pelo compreender, com vistas ao seu aperfeiçoamento mediante o uso de uma medida adequada a ela e à sua finalidade, que é viver felizmente. Na esteira do projeto filosófico de Gadamer, justificarei que a práxis dialógica, comum à Hermenêutica e à Psicanálise, possibilita o cuidado da alma traduzido na sua felicidade e estampada em suas diferentes faces, tais como prazer de compreender, instauração do sentido e crescimento de ser. O conjunto dessas dimensões configura uma epistemologia apropriada ao aperfeiçoamento da alma e revela sua feitura ética.

Palavras-chave: Hermenêutica. Psicanálise. Alma. Cuidado. Felicidade. Gadamer.

Abstract: Considering that Hermeneutics and Psychoanalysis consist of the exercise of interpreting and understanding the world, I will develop, in this article, the similarity between both in relation to the object and the method of investigation. I will show that both aim to know the human soul, by understanding, contributing to its improvement through the use of a measure appropriate to it and its purpose, which is to live happily. Considering Gadamer's philosophical project, I will justify that the dialogical praxis, common to Hermeneutics and Psychoanalysis, enables the care of the soul translated into its happiness and stamped on its different faces, such as pleasure of understanding, establishment of meaning and growth of being. The set of these dimensions constitutes an epistemology appropriate to the improvement of the soul and reveals its ethical feature.

Keywords: Hermeneutics. Psychoanalysis. Soul. Care. Happiness. Gadamer.

Resumen: Teniendo en cuenta que la Hermenêutica y el Psicoanálisis consisten en el ejercicio de interpretar y entender el mundo, desarrollaré, en este artículo, la similitud entre ambos en relación con el objeto y el método de investigación. Demostraré que pretenden conocer el alma humana, mediante la comprensión, con miras a su mejora a través del uso de una medida apropiada para ella y su propósito, que es vivir en condición de felicidad. A raíz del proyecto filosófico de Gadamer, justificaré que la praxis dialogica, común a la Hermenêutica y el Psicoanálisis, permite el cuidado del alma traducida en su felicidad y estampada en sus diferentes faces, como el placer de la comprensión, el establecimiento del significado y el crecimiento del ser. El conjunto de estas dimensiones configura una epistemología adecuada a la mejora del alma y revela su hechura ética.

Palabras clave: Hermenêutica. Psicoanálisis. Alma. Cuidado. Felicidad. Gadamer.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Dedico este artigo aos estudantes da turma de "Especialização em Psicanálise: Técnica e Teoria" (Unisinos/2020) onde ministrei "O módulo psicanálise interfaces: Hermenêutica", o que me oportunizou retomar e aprofundar as reflexões de Gadamer sobre Hermenêutica e Psicanálise e me animou a escrever esse artigo enquanto preparava e dava as aulas. Registro agradecimento especial ao prof. Alfredo Culleton e ao prof. Mário Fleig, que coordenam a especialização e me convidaram para dar as aulas. Este artigo contou com apoio do CNPQ – Edital Universal 2018 e da FAPERGS – Edital Pesquisador Gaúcho.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, Brasil.

Introdução

[...] não estás envergonhado em cuidares da aquisição de riqueza e reputação, quando não cuidas nem pensas sobre a sabedoria, a verdade e o aperfeiçoamento da alma? (PLATÃO, 1905, 29 d-e).

Isto é hermenêutica, o saber do quanto fica, sempre, de não dito, quando se diz algo (GADAMER apud GRONDIN, 1997, p. 286).

Partindo do pressuposto segundo o qual a Hermenêutica Filosófica e a Psicanálise procuram conhecer o significado do mundo e compreender o sentido da existência, ambas almejam, em última instância, contribuir para o *aperfeiçoamento da alma* espelhado no que chamamos de felicidade. Considerando que ambas visam compreender o ser humano, um composto de natureza e espírito é tecido, portanto, com enigmas mentais e espirituais, elas lidam, incessantemente, com algo misteriosamente estranho a si mesmo e ao outro, como pessoa, enquanto semelhante, na família, no trabalho, com inúmeras e imponderáveis influências e efeitos, fardos e problemas. Conforme Gadamer (2006, p. 166), "O imprevisível sempre volta atuar" e assombra a alma humana desde suas origens e se encontra maximizado nesses tempos de pandemia no qual estamos imersos. Ora, para Gadamer (1993, p. 301), a Hermenêutica Filosófica, enquanto arte da compreensão, não se circunscreve à abordagem de textos ou de dados, mas se atém também "ao trato com as pessoas", e por essa razão, Gadamer (2006, p. 166) afirma que ela "lida com o incompreensível e a compreensão da imprevisibilidade orçamentária da vida mental-espiritual", que, muitas vezes, parece pertencer especialmente ao terreno da Psicanálise.

Embora, de acordo com Cabestan (2015), a relação entre Hermenêutica e Psicanálise tenha sido vasculhada ao longo da história por filósofos como Sartre, Nietzsche, Heidegger, Wittgenstein, Ricoeur, Habermas e outros, como mostra Gardner (2019), proponho, aqui, aprofundar e investigar o parentesco entre ambas do ponto de vista da hermenêutica filosófica gadameriana, selada pelo legado filosófico socrático-platônico.

Deixarei aqui de lado as inúmeras diferenças e distinções entre ambas para me dedicar a elucidar a proximidade filosófica relativa à linguagem que empregam bem como à teleologia por elas perseguida. Farei isso com o fito de assinalar sua similaridade epistemológica, a saber, dialógica, elucidando o escopo ético que as move. Em outras palavras, proponho destacar a pertinência de pensarmos e aprimorarmos a arte de lidar com o mundo de modo apropriado à realização da finalidade humana, no caso da nossa existência, sermos mais livres, realizados e felizes.

Sustentarei, inicialmente, a hipótese proposta explorando e sistematizando o tipo de linguagem, a racionalidade, a epistemologia específica empregada, ou seja, a lupa a ser usada para compreender o objeto de interesse comum da hermenêutica e da psicanálise. Explorarei, então, a medida – *metrion* – e o modo – *dialógico/relacional* – adequado ao conhecimento da alma.

A seguir, explicitarei a finalidade do conhecimento da alma, que é seu cuidado, condensado na busca e na efetivação da felicidade corporificada em diferentes nomes como puro prazer de compreender, instauração de sentido, orientação no mundo, *crescimento de ser*, liberdade, de autorrealização. Nomes diferentes de felicidade que revelam, pois, a feição ética subjacente à trama entre Hermenêutica e Psicanálise.

1 Sobre o tema e a abordagem própria da Psicanálise e da Hermenêutica

Conhece-te a ti mesmo!

nunca poderás encontrar os limites da alma, por mais que percorras os seus caminhos, tão profundo é o seu *logos* (HERÁCLITO apud REALE; ANTISERI, 1990, p. 38).²

1.1 Conhece a tua alma

Podemos dizer, sem prejuízo da Filosofia, que ela comunga com a Psicanálise da pretensão de conhecer a alma. Alma, um termo ainda estranho para nossos tempos e, contudo, constitui objeto

² Esse mesmo fragmento 45 é traduzido assim "não encontraria a caminho os limites da vida mesmo quem percorresse todos os caminhos, tão profundo é o Logos que possui" (HERÁCLITO, 1980, p. 77, grifo nosso).

específico de inquirição da Psicanálise, teceu também a história da Filosofia, sendo possível traduzi-lo pela palavra vida. Gadamer (2006, p. 146) nos recorda que “todo conhecedor da antiguidade sabe que ambas as palavras possuíam quase o mesmo significado para os gregos, de modo que, com maior razão, o conceito de vida em nosso século se moveu para o centro da filosofia”. Porém, na verdade, não sabemos ao certo o que significa esse termo: “sob a palavra grega *psyche* ressoa essa relação. É o hálito, a respiração, aquele algo incompreensível que, de modo totalmente inconfundível, separa os vivos dos mortos” (GADAMER, 2006, p. 147). Daí que,

se a linguagem nos oferece a relação do hálito e da respiração com a vida, a singularidade da natureza humana se caracterizará, pois, também de uma outra maneira. Ao menos os pitagóricos já relacionavam o conceito *psyche* com *anamnesis*, ou seja, com o reino da lembrança e da memória (GADAMER, 2006, p. 147-148).³

De acordo com Gadamer (2006, p. 150), o ponto é que “toda a alma está, incessantemente, preocupada [...] preocupar-se, no entanto, é sempre não estar em si, pois se está preocupado com algo ou com alguém”. *Conhecer-se a si mesmo* significa se deparar sobre aquelas coisas com as quais a alma está preocupada, deter-se e descortinar o que a desfoca da sua natureza própria com vistas a ocupar-se com ela mesma; ater-se ao que lhe é próprio em sua essência e para isso serve a atividade psicanalítica e hermenêutica. Além disso, cientes de que a alma é, *per se*, um enigma, indefinível e inapreensível em termos lógico-racionais, sabemos que sempre coube à Filosofia

entender o incompreensível e absorver as grandes questões da humanidade, às quais as religiões, o mundo mítico, a poesia, a arte e a cultura em geral oferecem suas respostas, então ela abrange os segredos do começo e do fim, do ser e do nada, do nascimento e da morte e, sobretudo, do bem e do mal, questões enigmáticas, às quais parece não haver respostas do saber (GADAMER, 2006, p. 169).

Ora, esse empreendimento é próprio também do mundo da análise da alma, pois sabemos que

A psiquiatra logo reconhecerá a proximidade de tais incompreensibilidades, que lhe vêm ao encontro nos adoecimentos psíquicos e mentais, com os quais ele lida [...] ele conhece a loucura passional que pode levar à ruína. Enquanto pessoas cientificamente esclarecidas os psiquiatras conhecem bem essas obsessões (GADAMER, 2006, p. 169).

Visto assim, partindo do pressuposto segundo o qual o conhecimento da alma é tema próprio de atenção, tanto da Hermenêutica quanto da Psicanálise, e considerando a alma como um algo enigmático, indefinível, indecifrável, indomável – afinal, conforme Heráclito (apud REALE; ANTISERI, 1990, p. 38), “nunca poderás encontrar os limites da alma, por mais que percorras os seus caminhos, tão profundo é o seu *logos*” – ela não é passível de ser tratada segundo o parâmetro da ciência moderna. Com relação a isso, parte da psiquiatria de nossos dias, de acordo com Gadamer (2006, p. 172),

que dispõe de refinado instrumental de medição e de acesso a dados, é dominado por sólidas objetivações bem diferentes, tanto para o exame da doença como para encontrar os meios adequados ao seu tratamento. Dessa perspectiva, os casos-limite poderiam parecer como simples acontecimentos marginais. No entanto, a sinistra escuridão presente na enfermidade mental não perde, absolutamente, sua incompreensibilidade, ainda que estejam à disposição do médico possibilidades de domínio da doença através de, por ex., psicofármacos.

O procedimento ou o tratamento científico-instrumental, além de retificá-la e não ser apropriado para conhecer a alma, ainda desconhece ou ignora a finalidade de sua abordagem, a saber, seu *cuidado*. A Hermenêutica Filosófica salvaguarda-se desse tipo de tratamento ao se orientar pela máxima kantiana segundo a qual não devemos tratar o outro – no caso, a alma ou a vida – como meio, mas como fim em si mesmo. No caso, nas palavras de Gadamer (2006, p. 174), “a alma não é uma parte, mas o todo do corpóreo *ser-aí* humano no mundo mais uma vez. Aristóteles sabia-o. A alma é a vitalidade do corpo”. Além disso, a alma enquanto nossa vida, nas palavras de Pessoa (1994, p. 172), “temos,

³ E o texto continua: “recordo que no *Fédon* platônico, na questão da imortalidade da alma, o ciclo do acontecimento natural não é suficiente para o esclarecimento do destino das almas, e recorro como, por isso, os interlocutores de Sócrates, junto com ele, recorrem à lembrança do já visto e, assim, à misteriosa capacidade do ‘pensamento em geral’.

todos que vivemos./ Uma vida que é vivida / E outra que é pensada./ E a única vida que temos / *É essa que é dividida/Entre a verdadeira e a errada./Qual porém é verdadeira/* E qual errada, ninguém nos saberá explicar; E vivemos de maneira / Que a vida que a gente tem/ *É a que tem que pensar*”, compreender de modo apropriado. Disso decorre a tarefa de abordarmos a alma de modo adequado segundo a perspectiva que se atém à sua materialidade e à sua finalidade estampada em uma epistemologia relacional, como mostro a seguir.

1.2 Como conhecer-se a si mesmo

Considerando que a Hermenêutica e a Psicanálise visam conhecer a alma – com intuito de cuidar dela – ambas lidam com sua face indecifrável e enigmática; ambas estão às voltas com a dissonância, com a desarmonia, com a fratura, com a incerteza, com a angústia que a envolve, e têm sua razão de ser maior ainda com a crescente insegurança de nossos dias de pandemia. Tratar a alma como se fosse um objeto físico ou ignorar, abafar, reprimir a angústia intrínseca ao enigma da vida, significa abordá-la inapropriadamente e, portanto, desconhecê-la; e implicará o seu descuido e, conseqüentemente, a instituição e produção de uma vida infeliz e trágica nos moldes do tratamento da vida por parte de Creonte.

Proponho que aprimoremos um modo de lidar apropriado ao crescente açulamento das angústias que assolam a alma humana. Para tanto, passo a caracterizar a medida própria e o modo de efetivar da linguagem para conhecer a alma a fim de aprofundar, ao final, a consonância com sua finalidade, isto é, cuidar da alma que significa ser feliz.

O pressuposto fundamental que norteia a prática hermenêutica – e diria, aplica-se ou diz respeito à psicanálise – nos é recomendado por Gadamer (2000, p. 23) nos seguintes termos:

compreender significa que eu posso pensar e ponderar sobre o que outro pensa. Ele poderia ter razão com o que diz e com o que propriamente quer dizer. Compreender não é, portanto, uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo.

Portanto, com relação ao conhecimento da vida, da alma, é preciso aprender a ponderar e a levar a sério, em consideração à palavra ou à situação do outro, sem pretensão de exercer domínio ou controle [total]. Nesse sentido, o psicanalista e o hermeneuta precisam balizar suas posturas pelo esforço incessante de se colocar, de se pôr, de se imaginar e até de se perceber no lugar do outro (= *Verstehen*), a fim de poderem conhecer e daí cuidarem da alma humana. Visto assim, conhecer a alma parece estar mais para uma questão de arte que de técnica ou de aplicação científica.

1.2.1 Lidar com duas medidas: *metron* e *metrion*

Aristóteles recomendava que não deveríamos tratar assuntos matemáticos retoricamente, nem assuntos retóricos matematicamente, porque os objetos requerem medidas que lhes sejam apropriadas de serem aplicadas. Abordar a alma apenas a partir da medida matemática ou a partir da ciência nos moldes modernos implicará não a conhecer nem a cuidar apropriadamente. O uso indiscriminado e disseminado de calmantes para lidar com as angústias próprias da alma, envolvida em seus enigmas e situada no tempo e espaço próprios, é sintoma contundente da hegemonia do padrão científico moderno, inapropriado para conhecer e cuidar dela.

De acordo com Gadamer (2006, p. 137-138),

de fato, se lembrarmos os primórdios da ciência moderna e termos em vista o começo da era moderna, encontraremos uma enorme transformação da maneira de pensar a medição [...] ocorre que a ciência moderna recolhe esses resultados das medições como fatos verdadeiros. No entanto, essas medições obedecem a um padrão aplicado aos fenômenos e esse padrão foi estabelecido por convenção. Nós o adotamos para aquilo que é medido. Estamos acostumados a sempre proceder assim.

É nesse contexto que Gadamer (2006, p. 138) retoma o *Político* de Platão, no qual “são introduzidos dois tipos diferentes de conceitos de medida e de medir”, isto é, a “a diferença empregada entre *metron* e *metrion*, entre a medida, por um lado, e o adequado, por outro, mostra em qual abstração se movimenta a objetificação através

dos métodos de medida da ciência moderna". Podemos dizer que cabe à Hermenêutica e à Psicanálise utilizar-se da medida do *metrion* para abordar a alma. Na terminologia de Gadamer (2006, p. 138), trata-se de

outro conceito de medida, diferente daquele pertencente ao domínio do que é medido assim [...]. Nele se fala que há uma medida com a qual não se chega a alguma coisa, mas uma medida que alguma coisa tem em si mesma. [...] não há apenas o medido (*Gemessene*) através de uma medida adotada, mas também o adequado (*Angemessene*). O adequado não é algo que se deixe verificar. É claro que se pode medir a temperatura [...] o verdadeiro sentido significativo do adequado é precisamente que ele representa algo que não se pode definir. Todo o sistema do processo de equilíbrio do organismo e do próprio meio social do ser humano possui algo de adequabilidade [...] aquilo que não se submete ao um método e, com isso, a um controle, e não se mostra acessível ao teste, se encontra em zonas cinzentas, nas quais não se pode mover com responsabilidade científica.

A lupa adequada para examinar a alma encontra-se no significado do termo *metrion* mencionado por Platão – ou da medida feita com a régua de Lesbos – espelhado no termo *Angemessene*, que, de acordo com Gadamer (2006, p. 140), significa "adequado, em comparação", que "remete a uma exatidão autônoma, que não se define a partir da negação e alguma outra coisa". No caso da diferença, por exemplo, entre

doença e saúde, vemos, assim, que a doença não pode ser determinada por todos os sintomas, a partir dos quais os valores padrões de alguma medição de média afirmem o que seja saudável. As condições marginais não mensuráveis são tão inúmeras que as mensuráveis acabam por perder sua força. São margens completamente emaranhadas o que os valores padrões expressam do indivíduo. Contudo, se partirmos do pressuposto de que a diferença entre saúde e doença não é assim tão evidente, lembraremos que o clínico [...] pergunta se estamos doentes. Esse questionamento é uma indicação de que o organismo possui um tipo de consciência que fornece uma resposta sobre o estado geral do organismo, a qual nos protege de ficarmos doentes através de imposições de valores padrões (GADAMER, 2006, p. 162-163).

O menosprezo e o descaso dessa medida não poderiam ser causas das doenças físicas e mentais da nossa sociedade? O endeusamento e a

crença cega no *metron*, no *Gemessene*, não pode ser considerado um dos fatores do descaso para com cultivo e cuidado da alma humana? Todas

essas reflexões, nas quais nos encontramos aqui, relacionam-se, no fundo, ao conjunto da situação mundial – e à tarefa de nossa civilização de nos reconduzir à adequabilidade na qual se equilibra o decurso natural da vida física e orgânica, mas também, do mesmo modo, a saúde mental (GADAMER, 2006, p. 140).

Considerando que a medida – no caso do *metrion*, do *Angemessene* – precisa ser adequada à alma para poder conhecê-la apropriadamente, vejamos o modo mais próprio de efetivá-la que institui uma racionalidade ou epistemologia próprias.

1.2 2 Racionalidade dialógica

Segundo a medida do adequado, o processo do conhecimento apropriado da alma, da vida, acontece mediante o *logos*, isto é, no diálogo. O conhecimento da alma humana, de si mesmo, sempre é mediado e, de uma ou de outra forma, passa pelo outro. Enquanto um processo, inacabado, o conhecimento da alma é tecido, pois, historicamente, o que institui uma epistemologia relacional, dialógica. Retrato exemplar dessa prática é a hermenêutica para Gadamer (2006, p. 168-169), para quem "não é apenas uma disciplina auxiliar que representa para muitas disciplinas uma importante ferramenta metodológica adicional. Ela mesma se estende ao âmago da filosofia" porque "obedece sempre à lógica do diálogo".

1.2.2.1 Encontrar, recuperar e instaurar o adequado

Mediante o *logos*, no exercício de ponderar e de pensar sobre o que o outro quer dizer e diz, sobre seus direitos e suas razões, é possível encontrar o adequado à alma. Considerando que temos sido induzidos a pensar e a agir segundo os moldes da ciência moderna, a racionalidade hermenêutica e psicanalítica vêm nos recordar e auxiliar a lidar de modo apropriado como fim de recuperar e instaurar o adequado a ela. Nas palavras de Gadamer (2006, p. 141),

os seres humanos têm de reaprender que toda perturbação da saúde, pequenas dores e mesmo todas as infecções são, na verdade, sinais para se recuperar o adequado, o balanço do equilíbrio. No final, ambos estão correlacionados, perturbação e sua superação. Isso constitui a essência da vida. A partir daqui, o conceito de tratamento adquire sua limitação crítica interna. O médico que trata do paciente o sabe muito bem. Ele tem sempre de se retirar para conduzir o paciente com sua mão cautelosa e permitir que sua natureza volte a si mesma.

A recuperação e, concomitante, a abordagem apropriada à alma, acontece mediante o *logos* que pressupõe vínculo relacional onde o outro – seja alma, seja pessoa, seja uma pintura – é tratado com fim em si mesmo e não como um meio ou instrumento. No caso da psicanálise, essa comunhão criada e conduzida entre médico e paciente, constitui uma espécie de diálogo cujo escopo é de encontrar a medida apropriada à alma em questão. No caso de uma sessão de psicanálise, por exemplo,

o paciente mesmo quer se lembrar e contar a partir de si. Acontece, então, o que, na realidade, o médico, como médico, procura, a saber, que o paciente esqueça que ele é paciente e que está em tratamento. Quando se chega ao diálogo do modo como nós, no mais, também nos entendemos um com o outro através do diálogo, passamos a estimular novamente o contínuo equilíbrio de dor e bem-estar e a sempre repetida experiência da recuperação do balanceamento. Assim, é o diálogo que pode se tornar profícuo na situação de tensão entre médico e paciente. Porém, esse diálogo somente será, de fato, auferido, quando ele se tornar quase igual ao que nós, no mais, também conhecemos na vida em comum com outras pessoas, a saber, quando se envolva num diálogo, o qual, na verdade, não é conduzido por ninguém, mas que conduz todos nós. Isso permanece válido para esse tipo de diálogo entre médico e paciente (GADAMER, 2006, p. 141-142).

Em contraposição à racionalidade monológica, a dialógica possibilita diluir, apenas em parte, a neblina que paira sobre a falta de contornos da alma humana; e, desse modo, com essa medida apropriada consegue contribuir para reestabelecer o equilíbrio⁴ perdido que levou o paciente

à procura de ajuda. Enfim, tecidas pelo fio do diálogo, a hermenêutica e a psicanálise, mediadas pelo outro, visam encontrar ou restaurar e instaurar a harmonia interna da vida.

1.2.2.2 Ouvir, condição sine qua non da descoberta do adequado

Vimos que o encontro e a instauração do adequado à alma acontecem mediante a prática dialógica cujo pilar central consiste em ouvir a si mesmo (voz da consciência) e ao outro (diferente). Nesse sentido, "a arte de podermos ouvir-nos uns aos outros e a força de poder escutar o outro, isso é o novo, e nisso consiste o universal de toda a hermenêutica, que envolve e suporta nosso pensamento e nossa razão" (GADAMER, 2006, p. 168). E considerando que

o pensamento é o diálogo da alma consigo mesma. Foi dessa maneira que Platão designou o pensar, e isso significa ao mesmo tempo: pensar é um escutar respostas que fornecemos a nós mesmo ou que nos são fornecidas, quando questionamos sobre o incompreensível (GADAMER, 2006, p. 168).

Visto assim, o tratamento enquanto descoberta do adequado à alma passa pela audição constante das respostas do outros, das respostas que damos a nós mesmos em relação às respostas elaboradas ao longo da história. E esse espírito de abertura, essa entrega ao ouvir a voz própria e a dos outros, de dispor-se ao diálogo, nos possibilita encontrar a medida apropriada a nós mesmos. Quantas palavras malditas e tragédias provocadas em nossos dias oriundas da incapacidade ou indisposição para ouvir a nós mesmos, aos outros, o espírito do tempo o que Heráclito (1980, p. 57) já havia formulado "não sabendo auscultar, não sabem falar". Analisar e compreender a alma implica desenvolver a arte da auscultação para emissão de palavra apropriada e conseqüente instauração de cura.

⁴ "Comparo isso com o fenômeno do equilíbrio. Todos sabem [...] como foi aprender a andar de bicicleta [...] De repente, o equilíbrio está aí [...] essa imagem serve para ilustrar que, evidentemente, a escala móvel de esforço e alívio pertence ao estado normal do ser humano e que, por isso, os valores médios utilizados na medicina, creio eu, possuem um lado muito perigoso na práxis médica. De qualquer forma, fica claro que há aqui uma grande escala de variabilidade. A reflexão fundamental é: o que é essa escala de variações e o que é nela contínuo e ruptura? Ai reside aquela incrível flexibilidade presente em toda nossa atividade e sofrimento" (GADAMER, 2006, p. 163-164).

1.2.2.3 Conhecimento adequado enquanto processo de cura

O conhecimento apropriado da alma mediante a prática do diálogo já implica o seu cuidado ou seu cultivo. Nas palavras de Gadamer (2006, p. 133), "na área da medicina o diálogo não é uma simples introdução e preparação para o tratamento. Ele já é tratamento e continuada sendo muito importante no tratamento que se segue, o qual deve conduzir à cura". No conhecimento dialógico não se sai ileso ao final do percurso; enquanto um processo, próprio da psicanálise e da hermenêutica, a busca pela medida adequada, produz marcas na alma de quem se envereda por esse caminho. Ambas constituem, pois, uma epistemologia relacional ou "razão prática" e

Assim é desde o século XVIII, o que os gregos pensaram com a palavra *praktike* e com *phronesis*, aquela vigília adequada a uma situação, na qual convergem a diagnose, o tratamento, o diálogo e a 'colaboração' do paciente. O que se passa entre médico e paciente é a vigilância, que é a tarefa e possibilidade do ser humano, a capacidade de captar e de corresponder corretamente à situação do momento e, no momento, à pessoa que se encontra [...] se procura aqui, pelo diálogo, alcançar a verdadeira meta de reestabelecer no paciente o fluxo da comunicação da vida da experiência e os contatos com outras pessoas, dos quais o psicótico tão calamitosamente se encontra excluído (GADAMER, 2006, p. 143).

A relação entre o hermeneuta e o outro, entre o psicanalista e o paciente, não é unidirecional, mas de ida e de volta, e isso se condensa no termo "colaboração". Diferentemente da abordagem que objetifica a alma e a sua cura, pelo processo dialógico se "faz com que o outro, sem que volte a se desorientar, vislumbre a possibilidade de despertar a sua própria atividade interna, a qual o médico chama de 'colaboração'" (GADAMER, 2006, p. 142). Talvez por isso possamos dizer que, rigorosamente, essa abordagem da alma não possa ser designada de *psica-nálise*, mas de *psica-dianálise* enquanto processo de conhecimento adequado à alma humana, enquanto uma práxis relacional, colaborativa. Esse modo de conhecer da alma assim já institui a sua cura, ainda que inicial. A medida adequada para conhecimento

de si mesmo, da alma, se pauta pelo diapasão do *metrion* e se efetiva enquanto uma racionalidade dialógica. A prática do diálogo possibilita encontrar, recuperar e instaurar o adequado à alma segundo o pressuposto básico do ouvir a voz da consciência e o outro, o que já implica em cura ou cuidado da alma. Esse conhecimento adequado possibilita, pois, o cultivo da finalidade mais própria, a saber, ser feliz como desdobrarei a seguir.

2 Felicidade enquanto finalidade da práxis hermenêutica e psicanalítica

Cuida de ti mesmo

O que é cuidar de si mesmo? (PLATÃO, Alcibiades I, 127 e).

Acima, me ative à linguagem, à racionalidade ou à epistemologia própria e aparentada entre a Hermenêutica e a Psicanálise, com as pretensões de compreender a alma humana; ambas partilham do uso e da aplicação da medida adequada aos contornos da alma e, conseqüentemente, à sua finalidade. Mostrei que o modelo estrutural de compreensão, de explicitação e de elaboração conceitual da Hermenêutica e da Psicanálise se realiza plenamente pela linguagem dialógica, o que constitui uma epistemologia própria, relacional, de feitura ética. Argumentarei, agora, em torno da finalidade perseguida pela Psicanálise e Hermenêutica. Explicitarei e justificarei, aqui, que ambas visam, em última instância, efetivar o que os gregos denominavam de *eudaimonia*, e, para nós, a felicidade a qual se desdobra, em nossos dias, em várias faces, como mostrarei. Compreendemos, analisamos nossa alma, no fundo, porque procuramos ser felizes, o que só parece *uma coisa à toa, mas como a gente voa quando começa a pensar sobre suas múltiplas faces!*

Podemos dizer que, próprio do *thaumazein* grego – que deu origem e dá a vida à filosofia –, isto é, o maravilhar-se, o admirar-se, o demorar-se diante das coisas, é constituído pelo desejo humano natural de compreender, de entender, de analisar o mundo. Por isso, ousar dizer, por um lado, que a felicidade nasce, cresce e se desenvolve

da atualização desse desejo antropológico de compreender. Porém, por outro lado, ao atualizar sua sede de compreensão, visamos, por assim dizer, “controlar”, “dominar” o mundo tecido pelo desconhecido, pelo estranho, pelo indomável e sem contornos, como é o caso do reino da alma – ou *alma do mundo*, conforme Platão – com seu mundo de medos e sonhos, de anjos e demônios, de temores e amores, de traumas e cicatrizes. A felicidade é uma filha da atualização da compreensão que procura conjugar a contemplação e o “controle” do mundo, da alma.

Parece que, desde as origens da filosofia, envidamos esforços para compreender o real, a vida, as pessoas, os fatos com o fito final de nos sentirmos em casa, de nos “domiciliarmos” (*Zuhause*, em termos heideggerianos) neste mundo estranho e hostil. Analisamos e compreendemos para nos sentirmos em casa, ou seja, sentirmo-nos à vontade, livres, plenos em nosso espaço e no nosso tempo, ou seja, felí

Atrelado ao aspecto anterior, pela práxis analítica e compreensiva, almejamos lidar e tentar “decifrar” o enigma que é a vida ou a alma com sua carência de contornos e sem finalidade acabada nos moldes da realização dos instintos nos animais. Nas palavras de Gadamer (2006, p. 157), “que esse ‘ai’ seja um enigma é algo simplesmente verdadeiro não somente para a filosofia, mas também para qualquer mente científica ou não”. Dizer da vida ou da alma que são realidades enigmáticas e que pedem para serem traduzidas ou decifradas não é privilégio ou tarefa do hermeneuta, pois

compreender o incompreensível, e compreender especialmente aquilo que quer ser compreendido, envolve o todo de nossa capacidade de reflexão que, nas religiões, na arte dos povos e nos refletores de nossa tradição histórica, sempre coloca à disposição novas respostas e, com cada resposta, provas novas questões (GADAMER, 2006, p. 168-169).

Ater-se ao enigma da alma significa atualizar seu sentido que é o de viver felizmente no tempo e no espaço, diferentemente dos seres que apenas executam impulsos e instintos. Uma feição

da felicidade origina-se da coragem de lidar com a face indecifrável, inesgotável da vida – coisa que os dogmáticos resolvem pela crença e os tiranos, como Creonte, pelo extermínio do conflito (NUSSBAUM, 2019, p. 44-74).

Enquanto animais hermenêuticos somos seres que procuram, natural e ontologicamente, compreender o mundo, a vida, a alma. Afirmção que reverbera e reforça aquela com a qual Aristóteles (1990, p. 3) inicia a *Metafísica*, a saber, “todos os homens desejam por natureza saber”. A prática da compreensão, por si só, provoca e nos dá prazer e alegria de viver. O exercício de compreender pelo compreender, de interpretar pelo interpretar, de analisar pelo analisar – espelhos do *saber pelo saber*, escrito pelo estagirita –, reverte em prazer, em realização pessoal, em sensação de felicidade. A atualização do nosso modo hermenêutico próprio de ser, mesmo que sem finalidades utilitárias ou pragmáticas, reverte em prazer, em satisfação e em sensação de plenitude pessoal. Embora possamos e devamos compreender para transformar ou produzir o que quer se seja, aqui, a prática da compreensão e da análise, por si e em si mesmas, produzem um prazer e experiência de plenitude que são faces da felicidade.

Nutridas pelo puro prazer de compreender, tanto a hermenêutica quanto a psicanálise, se debruçam e se deleitam com a autocompreensão, isto é, com o autoconhecimento, com o cuidado da alma com vistas a aperfeiçoá-la. Diferentemente do conhecimento técnico que produz, um objeto externo ao artífice, aqui, aquele que analisa e compreende se torna objeto do conhecimento e do cuidado em sua finalidade de ser feliz. A instituição da felicidade passa pelo autoconhecimento que implica consciência e libertação – ou minimização – da ignorância e dogmas que aprisionam a alma conforme o *Fédon* de Platão (os vícios, oriundos da ignorância, constituem a lama que impede as almas de voarem rumo à felicidade própria dos deuses, e vivemos como anjos de asas caídas). Daí porque, diante da prisão às coisas externas à alma – como honra, riquezas, aparências⁵ – nas palavras de Gadamer (1992, p. 114),

⁵ “[...] não estás envergonhado em cuidares da aquisição de riqueza e reputação, quando não cuidas nem pensas sobre a sabedoria, a verdade e o aperfeiçoamento da alma?” (PLATÃO, 1905, 29 d-e).

ainda se coloca, com crescente urgência, a tarefa de conduzir o homem novamente à autocompreensão de si mesmo. Para isto serve, desde a antiguidade, a filosofia, também sob a forma do que eu chamo de hermenêutica. Unicamente o autoconhecimento pode salvar a liberdade que está, não somente ameaçada pelos respectivos governantes, mas também pela dominação e pela dependência que surge de tudo aquilo que acreditamos.

A instituição da felicidade passa pela análise e pela autocompreensão da alma humana que permite detectar e desvencilhar-se da ignorância e da dependência de tudo aquilo que a desvia de ser ela mesma, própria. Com Sócrates, aprendemos que a vida livre e feliz se articula sobre *conhecimento de si e cuidado de si* que faculta, de fato, a felicidade – no caso de Alcibiades, em sua função de político. Infeliz é o cego tomado pela ignorância de si e do outro, pois, na terminologia de Gadamer (1997, p. 478-479),

quem está dominado por suas paixões se depara de repente com o fato de que não é capaz de ver numa situação dada o que seria correto. Perdeu o controle de si mesmo e, por consequência, a retidão, ou seja, perdeu o estar corretamente orientado em si mesmo, de modo que, desgovernado em seu interior pela dialética da paixão, parece-lhe correto o que a paixão lhe sugere.

A compreensão e a análise da alma implicam autocompreensão que pressupõe conhecimento e libertação de amarras, de dependências que a impedem de ser livre e feliz. Autocompreender-se significa realizar a *anamnesis* da finalidade da nossa existência, pagando o preço de descerrar as cortinas da ignorância que encobrem a alma humana.

Além disso, a alma humana carrega consigo o fardo da angústia com seus indeterminados correlários, que, conforme Gadamer (2006, p. 159), é "o fundamento antropológico da angústia revela, pois, a distinção do ser humano de ser distanciado de si mesmo", um ser essencialmente cindido. De acordo com Gadamer (2006, p. 162): "as minhas exposições e reflexões são tentativas de lembrar a relação entre angústia fundamental como situ-

ação fundamental e os medos que, em todas as suas formas de manifestação, constituem a vida".⁶ Talvez possamos dizer que a angústia é um dos sintomas mais próprios da nossa humanidade à medida que é manifestação da nossa mortalidade, da nossa finitude, afinal, não somos deuses, mas somos uma mistura de ser e não ser, sol e sombra, saúde e doença. Sabemos que o ser humano criou inúmeras alternativas para lidar com esse fenômeno da angústia fundamental e

por muitos milênios de história da humanidade as religiões foram formas de domiciliar-se. Elas ofereciam, por assim dizer, objetivações contra o medo existencial que coube a esse ser singular, desprendido da natureza, pensando e questionador (GADAMER, 2006, p. 161).

E princípio, por um lado, em termos propositivos, graças à angústia os humanos podem sair de mesmos, mudar de morada e, ao modo de Abraão, construir sua casa, seu itinerário, sua história, sua felicidade.

Por outro lado, enquanto padecimento, considerando que, para Gadamer (2006, p. 156), "angústia está em estreita relação com o aperto, com a repentina exposição à amplitude e ao estranho", ela produz aquela sensação indescritível de vazio, de insegurança, diante da qual nos deparamos e lidamos apropriadamente ou a driblamos sufocando-a ou escamoteando-a – pela alienação, embriaguez, preocupação – alimentando a inautenticidade e, portanto, a infelicidade. A questão, para Gadamer (2006, p. 161), é que o "ser humano constrói sua vida na preocupação: está sempre a se preocupar com muitas coisas, preocupado em arranjar coisas, vive preocupado" com coisas relativas à alma, mas não ocupada com ela propriamente. Visto assim, de acordo com Gadamer (2006, p. 158),

essas observações sobre a angústia confirmam, pertinentemente, que o medo da morte, um fenômeno descritível para o psicólogo ou psiquiatra e também para todo o observador, é o aguçar-se de uma situação primitiva do ser humano. Já que homem tem que pensar, ele precisa lidar com a morte. Esse é um antiquíssimo saber da humanidade.

⁶ "Heidegger viu aí, diferenciando da autenticidade do *ser-aí* humano no mundo que se prepara para a sua angústia, a não-autenticidade do *ser-aí*, da qual a vida incessantemente se persuade. Mas ela também pertence à essência do ser humano" (GADAMER, 2006, p. 159).

Podemos dizer que, em parte, a angústia atrelada à alma, tem a ver com a finitude humana e, portanto, ela é um sintoma da morte do corpo; de outra parte, a angústia se corporifica na sensação da "multiplicidade de medos remete à situação fundamental do homem, de ser totalmente despreendido do vínculo instintivo, através do qual os outros seres vivos de organização superior se diferenciam dos seres humanos" (GADAMER, 2006, p. 160). Ao ser projetada no mundo, a alma se corporifica e carece construir sua morada, sua casa, seu *ethos* em contraposição aos seres que apenas *duram*⁷ no mundo. Noutras palavras, há necessidade de uma práxis compreensiva e analítica diante da crescente e atual angústia da civilização que é uma

expressão de que a ameaça, que, evidentemente, se estabelece com a própria vida e encontra sua manifestação plástica em todo o grito de nascimento [...] se torna em nossa civilização como uma ameaça sem nome e, assim, sempre incompreensível, a qual a vida se vê exposta (GADAMER, 2006, p. 161).

Sem dúvida que a pandemia maximizou a angústia humana, mas Gadamer (2006, p. 160) já havia revelado outra causa nos seguintes termos:

Qual é o motivo de nos perguntarmos por que se observa um aumento de angústia no nosso mundo atual? Creio que o tipo de saber e certeza que forjamos com a ciência moderna, através de experimento e controle, aumentou a necessidade humana de segurança [...], mas, é evidente que o saber de dominação está ao mais estreitamente relacionado com a exigência de segurança.

Além da angústia ser um fato antropológico, atestado da finitude e na animalidade humana – é visível a crescente sensação de angústia que foi acelerada pela pandemia – tem origem, em parte, da nossa crença ou dependência da técnica, do saber apenas enquanto exercício de poder de controle e domínio que parece ter soçobrado nesses dias. A práxis compreensiva pretende responder adequadamente ao pavor provocado por angústia a fim de, minimamente, *controlar* ou lidar ou atenuar seus efeitos a fim

de poder sentir-se em casa no mundo. Afinal de contas, de certa forma,

Nós estamos seguros das coisas que sabemos [...]. Mesmo com todos os progressos atingidos, recentemente, no domínio dos fenômenos neurológicos de angústia, permanece, sim, inegável que a angústia existencial pertence à vida e à essência do ser humano, como nós a conhecemos dos tempos primitivos, p. ex., o medo quando há trovoadas [...] e, hoje, o medo da civilização que paira 'no ar' como algo atmosférico (GADAMER, 2006, p. 161).

Além do puro prazer que o compreender e o analisar a alma nos propiciam experimentar, como vimos, visamos nos sentir bem, felizes, *em casa* no mundo. Gadamer (2006, p. 156) retomou a palavra *Einhausen, domiciliar-se*, que era "uma expressão diletta de Hegel", que "viu nela a constituição básica do ser humano, o fato de ele querer se sentir em casa junto a si, para viver livre de qualquer angústia, afastado de toda a ameaça, no confiado, no à-mão e no compreendido". Enfim, ao final

devemos reconhecer e aceitar a situação original da angústia da vida – e da morte – como a honra ontológica do ser humano, conforme designado por Guardini. A vida que desperta para o pensar e o questionar pensa e questiona para além de todos os limites. Conhecer a angústia e não poder compreender a morte – esse é o grito de nascimento do ser humano que nunca silencia (GADAMER, 2006, p. 164).

Visto assim, podemos dizer que a Hermenêutica e a Psicanálise são vitais para o conhecimento e o cuidado da alma selada pela angústia da vida e da morte. Ambas, ao se aterem ao seu conhecimento e ao seu cuidado, constituem uma epistemologia apropriada segundo o pressuposto expresso no aforismo de Heráclito (apud REALE; ANTISERI, 1990, p. 38), "nunca poderás encontrar os limites da alma, por mais que percorras os seus caminhos, tão profundo é o seu *lógos*". Dito de outra forma, o que importa, dá prazer e alegria, mesmo, é o processo de compreender a alma, em travessia. Os exercícios hermenêuticos e psicanalíticos se confrontam e tentam lidar com essa fratura, esse buraco, esse nada que caracteriza a alma angustiada. Ansiamos, conforme o

⁷ Sêneca saúda o amigo Lucílio: "Ensina-me que o valor da vida não está na sua duração, mas no uso que dela pode ser feito; que pode acontecer, como acontece com frequência, que quem viveu muito, muitas vezes, viveu pouco" (SÊNeca, 2008, p. 46).

arquetípico mito do Andrógino, recompor ou (re) instituir a unidade original, a harmonia do nosso ser rompida e expressa na cisão entre completude e incompletude, desejos e realizações, nossos sentimentos e ações. Considero autêntica e, por consequência, feliz a alma que se atém em costurar essa fissura alimentada pela angústia mediante a linguagem dialógica.

Ainda que a angústia não seja considerada ou abordada como uma doença, "pode haver psicoses, a própria psicose da angústia, nas quais a angústia, aparentemente, se tornar doença ou, ao menos, se apresenta como doença" (GADAMER, 2006, p. 162). A angústia que paira sobre a alma gerou e gera inúmeras doenças entre os humanos. Talvez tão próprio quanto o dado antropológico da angústia sejam as doenças que atingem os mortais por não se aterem a lidar ou não saberem lidar com ela. Não sei se seria descabido dizer que somos seres, também, naturalmente doentes, compreendendo-se, aqui, doença como ser insatisfeito, incompleto, insaciável, carente, desequilibrado (*Pênia*, Heráclito) e, ao mesmo tempo, ansioso pela posse do sossego, da satisfação, do equilíbrio, da completude, do bem-estar (*Pórus*, Parmênides). Nesse sentido, Hermenêutica e Psicanálise lidam com esse fosso que habita, configura e compõe a alma humana. De acordo com Gadamer (2006, p. 163),

Boa parte das doenças depressivas baseia-se, pois, em exatamente aquele sentimento de a doença não estar presente ou, ao menos, ser negado com rigidez. Um dos grandes problemas da psicanálise é também que apenas quando, por fim, aquela consciência da doença está presente, pode ser dado o passo decisivo de se dirigir a um analista. Um analista, que eu saiba, não aceitará como paciente alguém que foi obrigado a se internar para uma análise. Mas o que o corre por primeiro é, por assim dizer, em consequência de seu próprio sofrimento e aflição, se dirigir ao médico ou ao analista. Pergunta-se, pois, o que é 'propriamente' a doença, na continuidade entre a múltipla mobilidade de nossas preocupações vitais e o cair fora do ciclo do preocupar-se e ocupar-se.

Hermenêutica e Psicanálise almejam cuidar,

curar a alma, porém, sua cura, assim como é a arte médica,

Não é o pleno poder do médico, mas da natureza. O médico sabe-se apenas autorizado a auxiliar junto da natureza. Por mais engenhosos e técnicos que possam ser os meios de tratamento, permanece valendo a antiga expressão de sabedoria médica *intervenção é sempre intervenção*. Assim, continua sendo importante, sempre estarmos conscientes de que toda a nossa civilização e sua base, a ciência com sua capacidade técnica, sempre nos induzem a crer que se possa fazer tudo, semelhantemente ao cirurgião que diz: 'vamos retirar isso' (GADAMER, 2006, p. 133-134).

Convencionou-se considerar a cura da alma condicionada à comida de calmantes, como se tal procedimento pudesse extirpar a doença da angústia. Diante desse tratamento que implica no anestesiamento e não no cuidado e no consequente aperfeiçoamento da alma, a Hermenêutica e a Psicanálise constituem uma epistemologia que a conhece e a cuida em função de sua finalidade que é ser feliz. Nem o progresso técnico-científico, nem o *Prozac*, por si só, produzem, a harmonia, o bem-estar,⁸ a unidade – ainda que mínima – própria de uma alma feliz.

Mostrei, até aqui, que a felicidade, assim como o Ser, tem muitos nomes e se diz de diferentes maneiras. Selada pela doença, a alma aspira à sua saúde – outro nome da felicidade – importando o processo da cura mesma enquanto seu aperfeiçoamento não apenas individual, mas "cada vez mais também temos aprendido que a saúde exige uma harmonia com o meio social e com o ambiente natural" (GADAMER, 2006, p. 137). A práxis hermenêutica e psicanalítica visa restaurar ou reestabelecer ou instituir a saúde, a harmonia, o equilíbrio da alma para consigo mesma e com o outro o que atesta que a felicidade só parece mesmo *uma coisa à toa*.

O cuidado com vistas ao *aperfeiçoamento da alma* configura outra face da felicidade. Aqui, justificarei que a prática interpretativa e compreensiva visa explicitar e instaurar o sentido cujo equivalente é o modo de ser feliz. O sentido, con-

⁸ "O bem-estar é realmente alguma coisa ou, no final, nada mais do que um não sentir mais dor, uma retirada de dor e mal-estar? Pode-se, de fato, imaginar um estado permanente de bem-estar? [...] a saúde é um milagre como esse, de uma forte, mas oculta harmonia. Quando estamos saudáveis, estamos, na realidade, entregues àquilo que, respectivamente, está aí para nós, e todos sabemos o quão fácil qualquer mal-estar e, sobretudo, é claro, uma dor, pode perturbar esse sublime estado de despetez" (GADAMER, 2006, p. 136).

forme Rohden (2004), enquanto acontecimento, enquanto *razão e motivação de ser e de viver* é o que procuramos ao compreender textos, pessoas e a nós mesmos. O sentido não é um dado *a priori* ao encontro consigo mesmo ou com o outro, nem uma entidade escondida a ser decifrada, mas *algo* – razão e motivação de ser e de viver – a ser explicitado, elaborado e instaurado. Ao atualizarmos nossa potência compreensiva, almejamos encontrar o sentido das coisas, isto é, razões de viver e motivações de agir relativas ao desejo de ser feliz. Ora, para Gadamer (2006, p. 171) “também no caso da psicanálise, quando ela recolhe fragmentos do mundo dos sonhos e os transforma em testemunhos do sentido”, não apenas visa o desaparecimento do incompreensível, mas também busca explicitar e configurar e instaurar o sentido para a vida. Enquanto *um dos nomes do Ser*, para Gadamer (1997, p. 228), o encontro do sentido implica em *crescimento do ser* (*Zuwachs an Sein*), que nos plenifica, que nos torna mais nós mesmos, mais alma, isto é, felizes.

Composição de matéria e espírito, vivemos e nos alimentamos de símbolos e sonhos que compõem o reino do sentido e não apenas de pães que compõem uma parte do ser. Em terminologia de Platão (*Alcibiades I*, 134 b): “portanto, não são muros, trirremes ou arsenais que as cidades precisam, Alcibiades, nem números, nem tamanho, se querem ser felizes, mas virtude (*ἀρετή*)”, ou seja, conhecimento, cuidado e aperfeiçoamento da alma corporificados, em termos, na incessante instauração de sentido, tema tão caro da Psicanálise e da Hermenêutica. E, visto que as almas não são mônadas isoladas, o sentido sempre é tecido em consonância e em parceira com o outro corporificado no tema da solidariedade, que considero outra roupagem da nossa almejada felicidade (ROHDEN, 2020).

Enfim, os esforços envidados em torno do entendimento da alma, pela Hermenêutica e pela Psicanálise, tecem uma linguagem, uma racionalidade, uma epistemologia apropriada ao seu aperfeiçoamento. A práxis hermenêutica e psicanalítica atualiza o desejo natural de conhecer, de compreender, o enigma da vida selada pela

angústia arraigada em sua finitude, em função de sua orientação do mundo. Ao compreender, em última instância, pretendemos nos orientar e balizar nossa ação a fim de instituir uma morada, um *ethos* onde possamos nos *sentir em casa* no mundo e vivermos felizmente. Procuramos compreender a alma para saber o que fazer, como agir ou reagir em determinada situação e, ao final, estamos de acordo com nossa consciência. Envidamos esforços para entender a fim de poder dizer a palavra mais apropriada a alguém ou em uma dada situação seja para evitar tragédias, seja para instituir *ethos* mais harmônico. Essas pistas evidenciam a tessitura ética subjacente à práxis hermenêutica e psicanalítica – uma espécie de epistemologia ética – à medida que procuram conhecer e aperfeiçoar a alma de acordo com sua finalidade de viver felizmente.

Considerações finais

Enfim, meu interesse não foi desdobrar a aproximação entre hermenêutica e psicanálise enquanto duas áreas e dois modos de conhecimento com suas idiosincrasias, mas tão somente examinar a dimensão terapêutica de ambas à luz da hermenêutica filosófica de Gadamer. Assim, embora distintas, quis chamar atenção aqui ao fato de que a hermenêutica e a psicanálise comungam o escopo de contribuírem para a realização humana, individual e política, traduzida pela vida feliz que, para tradição grega, estava contida no empreendimento de aperfeiçoar a *alma*.

Enquanto seres hermenêuticos, desde nossas origens nos deleitamos em admirar o mundo e empreendemos enormes esforços em desvendar o enigma da vida. E, apesar de sabermos que nunca poderemos “encontrar os limites da alma, por mais que percorras os seus caminhos, tão profundo é o seu *lógos*”, como afirmou Heráclito (apud REALE; ANTISERI, 1990, p. 38), jamais desistimos de analisá-la e de compreendê-la. A Hermenêutica e a Psicanálise procuram percorrer os caminhos/meandros da alma, selada pela finitude e pela sede de felicidade. Sim, essa busca de felicidade que tece os textos de Gadamer, estende suas raízes à filosofia prática

socrático-platônica e aristotélica de modo que ela não diz respeito apenas à satisfação pessoal do sujeito, mas à sua realização enquanto participe de uma comunidade, de uma cidade, de um país.

Ambas fazem isso mediante o emprego de uma medida que é adequada aos contornos abertos da alma, mediante o exercício do *modelo estrutural* do diálogo a fim de cuidá-la apropriadamente, isto é, aperfeiçoá-la em função de sua finalidade própria que é ser livre e feliz. Esse modo de abordar a alma espelha, estimula e institui um exercício racional, uma epistemologia relacional e ética, uma vez que visa construir nossa casa no mundo que com o outro. Ciente de que a hermenêutica gadameriana é de cunho ontológico e, portanto, não se restringe a uma metodologia conforme desenvolvi,⁹ ela se apresenta a nós com um modo de conhecer, sim, mas que diz respeito não apenas ao saber, mas ao nosso modo de ser e de agir no mundo.

Enfim, o aperfeiçoamento da alma comporta a impossibilidade de conhecê-la totalmente, implica "saber o quanto fica, sempre, de não dito, quando se diz algo" dela ou sobre ela para dela cuidar. Afinal de contas, finitos sedentos de felicidade, precisamos aprender a lidar apropriadamente com a vida, o que, em termos poéticos, Fernando Pessoa (1994, p. 172), formulou nos seguintes termos:

Temos, todos que vivemos./ Uma vida que é vivida/ E outra que é pensada./ E a única vida que temos / É essa que é dividida/ Entre a verdadeira e a errada./ Qual porém é verdadeira/ E qual errada, ninguém nos saberá explicar; E vivemos de maneira/ Que a vida que a gente tem / É a que tem que pensar.

Ao poema, apenas acrescentaria, agora, que é essa vida que temos que entender, compreender e interpretar à luz do nosso fim de ser feliz. Como somos só metade, finitos, nos resta perseguir a felicidade enquanto uma finalidade sem fim final, mas enquanto um *telos* interno ao exercício da compreensão. A finalidade da alma se encontra nessa prática, nesse exercício mesmo, de modo que a felicidade está na atividade mesma, na travessia da incessante compreensão, análise e aperfeiçoamento da alma.

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Gredos: Madrid, 1990.
- CABESTAN, Philippe. Hermeneutics and Psychoanalysis. In: MALPAS, Jeff; GANDER, Hans-Gelmuth (ed.). *The Routledge Companion to Hermeneutics*. New York City: Routledge, 2015. p. 623-633.
- GADAMER, Hans-Georg. Angústia e Medos. In: GADAMER, Hans-Georg. *O Caráter Oculto da Saúde*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006. p. 155-164.
- GADAMER, Hans-Georg. Da palavra ao conceito. In: ALMEIDA, C.L.S. de; FLICKINGER, H.G.; ROHDEN, L. (org.). *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. p. 13-26.
- GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica e Psiquiatria. In: GADAMER, Hans-Georg. *O Caráter Oculto da Saúde*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006. p. 165-174.
- GADAMER, Hans-Georg. Tratamento e diálogo. In: GADAMER, Hans-Georg. *O Caráter Oculto da Saúde*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006. p. 130-144.
- GADAMER, Hans-Georg. Vida e Alma. In: GADAMER, Hans-Georg. *O Caráter Oculto da Saúde*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006. p. 145-154.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hermeneutik II: Wahrheit und Methode*. Ergänzungen, Register, Gesammelte Werke. Band 2. Tübingen: Mohr, 1993.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Método II*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992.
- GARDNER, Sebastian. Hermeneutics and Psychoanalysis. In: FORSTER, Michael N.; GJESDAL, Kristin (ed.). *The Cambridge Companion to Hermeneutics*. Cambridge: New York: Cambridge University Press, 2019. p. 184-210. <https://doi.org/10.1017/9781316888582.009>.
- GRONDIN, Jean (org.). *Gadamer Lesebuch*. Tübingen: Mohr, 1997.
- HERÁCLITO. *Fragmentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- NUSSBAUM, Martha C. *A Fragilidade da Bondade*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- PESSOA, Fernando. *Obras Poéticas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- PLATO. *Platonis Opera*, v. I – Euthyphro, Apologia Socratis, Crito, Phaedo, Cratylus, Theaetetus, Sophistica, Politicus. Ed. by John Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1905.
- PLATO. *Plato in Twelve Volumes*, v. 8 – Alcibiades 1, Alcibiades 2, Hipparchus, Lovers, Theages, Charmides, Laches, Lysis. Translated by W. R. M. Lamb. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1955.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulinas, 1990.

⁹ ROHDEN, Luiz. "Hermenêutica metodológica e hermenêutica filosófica". *Filosofia Unisinos*, v.4, p.109-132, 2003.

ROHDEN, Luiz. Sobre o Sentido. *Veritas*, Porto Alegre, v. 50, p. 293-303, 2004. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2004.2.34569>.

ROHDEN, Luiz. A virtude da solidariedade na hermenêutica enquanto um jogo de fusão de horizontes. *ETHIC@. Is. I.*, v. 19, p. 135-148, 2020. <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2020v19n1p135>.

ROHDEN, Luiz. Hermenêutica metodológica e hermenêutica filosófica. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v.4, p.109-132, 2003.

SÊNECA, Lúcio Anneo. *Aprendendo a viver*. Porto Alegre: LPM, 2008.

Luiz Rohden

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil, com estágio sanduíche em Heidelberg; pós-doutorado no Boston College e Penn State University, EUA; professor e coordenador do PPG Filosofia da Unisinos, RS, Brasil. Pesquisador do Cnpq e coordenador de Minter e de Dinter.

Endereço para correspondência

Luiz Rohden
Av.Cristo Rei, 498
Cristo Rei, 93020350
São Leopoldo, RS, Brasil